

## O efeito da prática do rapel por estudantes de Educação Física na transformação da percepção do esporte

The effect of rappelling practice by Physical Education students on the transformation of sport perception

El efecto de la práctica del rapel por estudiantes de Educación Física en la transformación de la percepción del deporte

Felipe da Silva Triani<sup>I</sup>, Leonardo Rosendo da Silva<sup>II</sup>, Anderson José da Silva<sup>III</sup>

### Resumo

O estudo objetivou conhecer e analisar os efeitos da prática do rapel por estudantes de um curso de bacharelado em Educação Física na transformação da percepção do esporte. Participaram 30 alunos por meio de uma entrevista após a vivência do rapel. Os resultados apontaram para a presença de três elementos: o risco, presente por meio da experimentação do medo; a satisfação, pela experimentação do prazer vivido; e a superação de limites, revelada no sucesso em concluir a prática. A vivência do rapel teve como efeito a transformação da percepção que os participantes tinham sobre o esporte.

**Palavras-chave:** Esportes de Aventura; Formação de Professores; Risco

### Abstract

The study aimed to know and analyze the effects of the practice of rappelling by students of a Bachelor's degree in Physical Education in the transformation of the perception of sport. Thirty students participated in an interview after the experience of rappelling. The results pointed to the presence of three elements: the risk, present through the experience of fear; satisfaction, by experiencing the pleasure experienced; and the overcoming of limits, revealed in the success in completing the practice. The experience of rappelling had the effect of transforming the perception that the participants had about the sport.

**Keyword:** Adventure Sports; Teacher Training; Risk

<sup>I</sup> Faculdade Gama e Souza – FGS – Rio de Janeiro, RJ, Brasil - Endereço: Av. Brasil, 5843 - Bonsucesso, Rio de Janeiro - RJ, CEP: 21040-360 - e-mail: [felipetriani@gmail.com](mailto:felipetriani@gmail.com)

<sup>II</sup> Faculdade Gama e Souza – FGS – Rio de Janeiro, RJ, Brasil - e-mail: [leonardo.rokkan@gmail.com](mailto:leonardo.rokkan@gmail.com)

<sup>III</sup> Faculdade Gama e Souza – FGS – Rio de Janeiro, RJ, Brasil - e-mail: [andersonjds55@bol.com.br](mailto:andersonjds55@bol.com.br)



## Resumen

El estudio tuvo como objetivo conocer y analizar los efectos de la práctica del rapel por estudiantes de un curso de Educación Física (bacharelado) en la transformación de la percepción del deporte. Participaron del estudio 30 alumnos por medio de una entrevista después de una vivencia de rapel. Los resultados señalan la presencia de tres elementos: el riesgo, presente por medio de la experimentación del miedo; la satisfacción, por la experimentación del placer generado en la práctica; y la superación de límites, revelada en el éxito en concluir la práctica. La experiencia del rapel tuvo el efecto de transformar la percepción que los participantes tenían sobre el deporte.

**Palabras clave:** Deportes de aventura; Formación de Profesores; Riesgo

## 1 Introdução

Atualmente existem diversos termos utilizado para se referir ao fenômeno aventura e seus desdobramentos, dentre eles estão esportes radicais, turismo de aventura, esporte de aventura, turismo esportivo, esporte na natureza e outros (TRIANI; TELLES, 2019). De acordo com Marinho (2013), há de se reconhecer que essa questão terminológica torna-se ofuscada quando se percebem a dificuldade na abordagem do fenômeno por diferentes áreas de conhecimento e demais setores interessados na prática.

Essas condições ocasionam a emergência de uma legítima ansiedade referente à necessidade de aprendizados específicos na administração e na participação em algumas atividades, como: técnicas apropriadas para as diferentes modalidades; educação e preservação ambiental; e conhecimento de equipamentos específicos. Fatores que podem interferir nesse processo, ou seja, as atividades de aventura requerem um repensar sobre o ambiente a partir de três principais aspectos que dependem um do outro, como: a prática; o processo educativo; e a conservação ambiental (MARINHO, 2013).

Dentre os esportes de aventura, um que tem merecido atenção é o rapel (LAVOURA; SCHWARTZ; MACHADO, 2008), principalmente por sua popularização e ainda pouca exploração enquanto intervenção profissional pela Educação Física (TRIANI et al., 2020). Desse modo, sobre o esporte, é possível assinalar que seu aparecimento confunde-se com o esforço do homem, ao longo dos tempos, ao se deslocar no plano vertical paralelamente a obstáculos naturais como: montanhas, paredões, interiores de cavernas e cachoeiras. Segundo alguns registros históricos, os alpinistas foram percebendo que utilizando apenas as mãos como fonte de apoio da corda era demasiadamente cansativo e perigoso, fator que contribuiu para a adoção de outras técnicas, como, por exemplo, a colocação da corda ao redor do corpo, a qual, mediante o contato direto com a roupa, diminuía a força que eles deveriam fazer com as mãos (NUÑEZ, 2005).

Com isso, surgiram também vários equipamentos para a prática do rapel, como: freios, cordas, cadeirinhas, capacetes, mosquetões, entre outros, que proporciona ao praticante vencer obstáculos



naturais e artificiais, essas peças surgiram pela própria demanda criada com a difusão da atividade entre os adeptos das práticas corporais de aventura no meio terrestre (PAIXÃO; SILVA, 2017; TRIANI; SILVA; PAIXÃO, 2019).

O rapel dentre as técnicas verticais que utilizam cordas, com certeza, é a que tem um maior destaque, e tem a melhor posição entre a mais conhecida e empregada. Isso acontece porque se ligam com outras modalidades terrestres de esporte de aventura, como montanhismo e escalada, constituindo assim importante fase dessas modalidades. Enfatiza-se que, para além das modalidades terrestres de esporte de aventura, a prática do rapel tem sido utilizada como facilitadora na execução de trabalhos urbanos, no salvamento, nas manobras militares, entre outros (PAIXÃO; SILVA, 2017; TRIANI; SILVA; PAIXÃO, 2019).

Nesse universo chamado rapel, podemos citar que também é uma prática de Esporte de Aventura com seus riscos, emoções prazerosas e cuidados. Recentemente, as diferentes modalidades de esporte de aventura e risco calculado na natureza vêm despertando a atenção das pessoas, aumentando-lhes a popularidade. Termos como alto risco, extremo, adrenalina, passaram a fazer parte da linguagem do cotidiano, trazendo à mente as sensações fortes, as imagens de risco e emoções vividas nestas atividades (PAIXÃO, 2010).

Segundo Paixão (2010), o surgimento constante de novas modalidades, acompanhado pelo crescente número de adeptos de diferentes formações culturais, faixas etárias, níveis sociais e campos de atuação profissional, evidenciam, não somente o seu potencial econômico, como ainda que o esporte de aventura e risco calculado configura-se uma realidade no âmbito atual.

No entanto, em estudo recente (PAIXÃO, 2017), é alertado sobre a concepção de instrutores de esporte de aventura sobre o risco na prática do rapel ligada a diferentes modalidades terrestres praticadas no Estado de Minas Gerais. Foi feito um estudo descritivo-exploratório com um grupo de instrutores composto por 32 homens e 3 mulheres. Nesse estudo, verificou-se que os instrutores reconhecem que na prática do rapel existe o risco como elemento pertinente. Para controlar e minimizar os riscos, os sujeitos apontam o domínio da técnica, a aceitação de tecnologias e a capacidade para decifrar informações ligadas ao ambiente natural. A postura dos instrutores é um ponto que chama atenção nessa investigação que, apesar da busca por vivenciar fortes emoções, sensação de liberdade e adrenalina, sobrepõem como ponto indispensável a manutenção da vida. Embora esse estudo tenha apresentado contribuição importante para a área, ainda são carentes os estudos nesse sentido, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, na qual a prática dos esportes de aventura é muito presente.



Nesse sentido, considerando as lacunas epistemológicas sobre a temática e o pressuposto de que antes de atuar na área dos esportes de aventura faz-se necessário o conhecimento prático do esporte, a fim de conhecer as fortes emoções provocadas pela vivência e ser capaz de se colocar no lugar do outro, o presente estudo objetivou conhecer e analisar os efeitos da prática do rapel por estudantes de um curso de bacharelado em Educação Física na transformação da percepção do esporte.

## 2 Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de campo que, de acordo com Severino (2007), é um método no qual o objetivo/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. Desse modo, para sua concretização, a coleta dos dados precisa ser feita nas condições naturais em que ocorrem os fenômenos, sendo observados diretamente.

Os participantes da pesquisa foram 30 estudantes de um curso de bacharelado em Educação Física de uma instituição privada da zona oeste do Rio de Janeiro, sendo 20 do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com faixa etária compreendida entre 18 e 30 anos. A coleta dos dados para a pesquisa ocorreu no primeiro semestre de ano de 2018 durante uma visita técnica que tinha como objetivo vivenciar a prática do rapel. O rapel foi realizado no morro da Urca, no Rio de Janeiro, ambiência em que é comum a prática desse esporte de aventura.

O instrumento de coleta de dados utilizado no estudo foi a entrevista estruturada, porém seguindo o processo metodológico proposto por Lavoura, Schwartz e Machado (2008), que consiste em uma única pergunta chave, a saber: “como foi esta experiência para você?”. De acordo com os autores, essa pergunta abrangente permite que os participantes respondam livremente sobre a experiência. Sendo assim, imediatamente após a prática do rapel os participantes foram convidados a participar. Cabe informar que as respostas foram capturadas utilizando um gravador.

O instrumento de tratamento de dados foi a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), que faz referência ao conjunto de técnicas de análise de documentação que tem como objetivo descrever o conteúdo das narrativas, no caso desta investigação, os dados das entrevistas. A aplicação dessa técnica se deu pelo procedimento de fragmentação dos textos das entrevistas, a fim de identificar regularidades e evidenciando o significado das respostas para facilitar a compreensão dos resultados.

Nessa perspectiva, inicialmente todas as entrevistas gravadas foram transcritas pelos pesquisadores exatamente da forma como foram capturadas. Ou seja, não houve modificação das



narrativas, com o objetivo de intervir o menos possível no conteúdo das entrevistas. Feito isso, os pesquisadores se reuniram para fazer a leitura coletiva das narrativas e identificar as possíveis categorias e unidades de contexto emergentes.

Na sequência, durante o processo de leitura flutuante do conteúdo das entrevistas, foram criadas três categorias centrais e seis unidades de contexto conforme ilustra o Quadro 1. Essa organização contribuiu para atingir o objetivo do estudo e facilitar a interpretação, análise e discussão dos dados.

**Quadro 1.** Categorias e unidades de contexto constituídas para análise do conteúdo das entrevistas

Categoria de Análise	Unidade de Contexto
Risco	Deu muito medo Cheguei tremendo
Satisfação	Gostei da experiência Sensação muito boa
Superação de Limites	Achei que não teria coragem Faria de novo

**Fonte:** Autores

No processo de condução do estudo, foram atendidas as diretrizes regulamentadas pela Resolução de número 510 de 2016 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, sendo o presente estudo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), via ofício CEP de número 2.072.798 de 19 de maio de 2017.

### 3 Resultados e discussão



### 3.1 O risco como característica do rapel

Após análise do conteúdo obtido com as entrevistas, observou-se que alguns participantes afirmaram ter muito medo da prática do esporte. Adicionalmente, cabe ressaltar que essa foi uma das palavras mais repetidas e comentadas entre o grupo.

Ao serem questionados sobre a experiência na prática do rapel, as respostas evidenciaram, inicialmente, o elemento risco. Desse modo, dos 30 participantes do estudo, 3 afirmaram que a vivência do risco foi decisiva para não aderir à prática do rapel, conforme pode-se perceber nas seguintes narrativas:

Não gostei. Não faria novamente. Deu muito medo no início e na metade principalmente. Quase chorei de desespero. Meus braços estão doendo. Acho que fiz muita força por estar nervosa. (Entrevistada 30).

Experiência horrível, nunca mais na minha vida! Foi a primeira vez e a última. Nunca tinha descido. Eu olhei pra baixo e foi a hora que eu quase caí. Cheguei tremendo! (Entrevistada 20).

A experiência foi boa, foi minha primeira vez no rapel. Deu um pouco de medo, mas gostei sim. Não sei se faria de novo, pensando bem não faria (risos). (Entrevistada 26).

Lavoura, Schwartz e Machado (2008), ao estudarem a forma pela qual as emoções são experimentadas por um grupo de jovens que vivenciou, pela primeira vez, o rapel, identificaram que o “medo” foi uma das palavras mais significativas e de maior frequência encontrada. No entanto, os autores assinalam que o medo, embora possa causar em reação de fuga em alguns, pode servir como processo evolutivo, sendo responsável por sinalizar situações de risco, ameaça ou perigo.

Ao analisar a presença do elemento risco é possível perceber que a motivação para a prática do esporte diminuiu nesses três casos. Assim, observa-se o risco como um fator preponderante para a não realização de uma nova prática do rapel. No entanto, embora esses participantes tenham demonstrado medo ao realizarem o rapel, os demais 27 demonstram interesse pelo esporte, inclusive fariam novamente.

Lá em cima deu um pouco de medo, ainda mais por ser minha primeira vez no rapel. Mas a experiência foi boa, foi legal. Faria novamente se tivesse. (Entrevistado 11).



Foi tudo muito bom, dá um medinho. Melhor que sobe a adrenalina! Mas dá uma canseira no braço. Mesmo assim faria de novo. Por ser a primeira vez, acho que mandei bem! (Entrevistada 14).

Gostei sim! Superei o medo bonito! Eu quase desisti, tenho muito medo. Muito medo de altura. Não foi nada fácil pra mim. Olha aqui, eu tô tremendo! Não olhei pra baixo, senão seria pior. Fiz muito força no braço. Vou ficar com a musculatura doendo. Não sei se faria de novo. (Entrevistada 18).

Minha primeira vez no rapel, gostei pra caramba! A parte do meio é bem complicada dá um pouco de medo, tem que inclinar bem o corpo, parece que tu vai cair. Mas eu faria de novo mesmo assim. (Entrevistado 23).

O risco também pode ser observado como uma atração para a prática do rapel, na medida em que, de acordo com Paixão (2010), na maioria das vezes, os anúncios e propagandas restringem a prática de esporte de aventura, a oportunidade do indivíduo leigo de experimentar fortes emoções, adrenalina e colocar à prova seus limites.

Após analisar as entrevistas, pode-se perceber que muitos dos participantes percebem o elemento risco durante a prática do rapel. Esses achados corroboram com outros artigos (SPINK; ARAGAKI; ALVES, 2005; PAIXÃO, 2010; TRIANI; TELLES, 2019; TRIANI; SILVA; PAIXÃO, 2019; TRIANI et al., 2020), de como o medo ainda é predominante nos que desconhecem ou que vivenciam a prática pela primeira vez.

As fortes emoções vivenciadas durante a prática do rapel despertaram um contraste que chama a atenção, ao passo que durante uma mesma prática, foi possível perceber, a partir das narrativas, que há uma mistura de medo, prazer e aventura. Nessa perspectiva, de acordo com Lavoura, Schwartz e Machado (2008), a presença do medo não significa que essa emoção seja considerada apenas como negativa que a cause reação de fuga nos participantes, pelo contrário, muitas vezes a busca pela aventura permite o lançamento do indivíduo nos obstáculos proporcionados pelo ambiente, os quais podem ser percebidos também como atrativos para a prática.

### 3.2 A satisfação como efeito da experiência positiva

A categoria satisfação emergiu na medida em que os pesquisadores perceberam a satisfação em ter participado imbricada nas narrativas dos estudantes. Dessa maneira, embora o termo “satisfação” não tenha sido recorrente, as respostas reforçam essa percepção após a vivência do esporte:



Minha primeira vez, gostei bastante. Pra descer foi fácil, o pior já passou. Faria de novo se tivesse. (Entrevistada 8).

Quero ir de novo! Pô, gostei muito! Posso ir de novo? Muito bom! (Entrevistada 15).

Gostei da experiência, primeira vez no rapel, mas o equipamento eu já conhecia. Faria de novo sem problemas. Eu fazia resgate em altura no parque aquático, ficava responsável pelo arvorismo, mas nada absurdo, no máximo três metros. Então os equipamentos eu já conhecia. (Entrevistada 17).

Primeira vez no rapel. Sensação muito boa, faria de novo com certeza! (Entrevistada 27).

Depois da análise das entrevistas, percebeu-se que foi gratificante para muitos praticantes a experiência vivida com o rapel. Algumas dessas pessoas se mostraram muito satisfeitas após a prática e a maioria nunca tinha tido nenhum contato com esse esporte de aventura. A experiência positiva pode ser atribuída a partir da confiança que o instrutor passa na hora de se apresentar e na certificação de seus equipamentos (SPINK; ARAGAKI; ALVES 2005).

A prática do esporte de aventura envolve o elemento risco (TRIANI, 2018; TRIANI; TELLES, 2019; TRIANI; SILVA; PAIXÃO, 2019; TRIANI *et al.*, 2020), trata-se, portanto, de uma característica da corrente esportiva. Desse modo, Spink, Aragaki e Alves (2005) assinalam que a maneira como o profissional aborda o praticante ao instruí-lo é fundamental para conquistar sua confiança, uma vez que o controle do risco está presente em dois aspectos do esporte de aventura, na competência técnica do instrutor e na qualidade do equipamento utilizado para a prática.

Considerando os pressupostos postos por Spink, Aragaki e Alves (2005), é possível afirmar que a experiência foi positiva, possivelmente, pelo fato do equipamento utilizado possuir certificação internacional e isso ter sido informado aos participantes. No entanto, é importante destacar que o efeito contrário também pode ser possível, caso o instrutor não transmita confiança aos participantes. Adicionalmente, é importante destacar que o equipamento não credenciado também pode ser um fator para causar aumento da percepção de risco.

No que se refere aos procedimentos que devem ser adotados para a instrução do esporte de aventura, Paixão e Geidel (2018), ao estudarem um grupo de instrutores de esportes de aventura atuantes no estado de Minas Gerais, identificaram que o domínio da técnica, a consideração do risco eminente, a checagem prévia dos equipamentos e locais de prática, a previsão meteorológica e o condicionamento físico são procedimentos indispensáveis para a atuação do instrutor de esportes de aventura.



Adicionalmente, os instrutores que participaram do estudo ressaltaram como pré-requisitos para atuação a experiência prática como praticante e comprometimento com a segurança do praticante.

### 3.3 O rapel enquanto esporte de aventura que possibilita a superação de limites

A superação foi a terceira categoria eleita pelos pesquisadores durante o procedimento de análise de conteúdo. Sendo assim, algumas narrativas apresentam implicitamente essa categoria.

Gostei sim. Estava com medo. Depois que cheguei próximo do final foi tranquilo. Foi mais a dificuldade nos braços. Senti muito peso nas mãos. Acho que estava tensa. (Entrevistada 3).

Gostei muito da experiência do rapel, ainda mais eu que tenho medo de altura. Foi minha primeira vez, mas faria de novo com certeza. (Entrevistada 6).

Ai meu Deus! Quando você está lá em cima você diz: Caraca! Dá pra amarelar? Foi minha primeira vez no rapel. Faria de novo com certeza, claro! (Entrevistada 10).

Gostei da experiência, foi minha primeira vez. Não fiquei com medo no início, o pior foi aqui no meio, porque é muito inclinado. Mas isso eu não considero medo não, sou tranquila pra essas coisas. Faria de novo se tivesse. (Entrevistada 21).

Esses relatos nos mostram como a prática do rapel pode gerar variadas sensações, inclusive a capacidade de cada um em vencer seu medo interior e superar seus limites. As entrevistas desvelam como cada praticante estava antes da descida e como foi a experiência ao concluir a prática.

Paixão (2010) retrata que os principais motivos que influenciaram os informantes sobre a opção em atuarem como instrutores, encontra-se presentes o esporte de aventura como a possibilidade de um (re)encontro com a natureza e a forma de se colocarem à prova os próprios limites e busca de novas e fortes sensações, como o risco e a vertigem, os quais, muitas vezes, não são obtidos por meio da prática dos esportes tradicionais.

Segundo Spink, Aragaki e Alves (2005), a superação de limites acontece quando há presença da adrenalina, e como foi a primeira vez dos estudantes na prática do rapel, essa adrenalina esteve presente na percepção de boa parte dos entrevistados.

Embora três estudantes tenham assinalado que o risco se mostrou como um impedimento para práticas futuras, a superação do limite e a sensação de experimentar o risco serviu como um fator que



promoveu a vivência do esporte de aventura, além da percepção do sentimento de empatia. De acordo com Lavoura, Schwartz e Machado (2008), a presença do risco e a possibilidade de vivenciar fortes emoções é um dos fatores que contribuem para a busca da prática dos esportes de aventura. Adicionalmente, do ponto de vista da antropologia proposta por Caillois (2017), a busca de atividades como o alpinismo desperta um impulso primário denominado de busca de vertigem que, com efeito, provoca desordem sobre a consciência lúcida.

Enquanto uns não quiseram mais realizar a prática, outros, por meio dessa sensação de risco (busca da vertigem), superaram seus limites e afirmaram seu interesse em se aventurar novamente. Esse se aventurar parece se aproximar da tentativa de, ao menos durante a prática do esporte de aventura, sair da “sociedade ordenada” e mergulhar na “sociedade de confusão” (CAILLOIS; 2017). É notável que, nesse caso, o risco foi vivenciado de maneira positiva e negativa. Ao final, é perceptível que as narrativas dos entrevistados concordam com os estudos anteriores (SPINK; CAÑAS; SOUZA, 2004; PAIXÃO, 2010; TRIANI; SILVA; PAIXÃO, 2019), reafirmando o efeito que o esporte de aventura proporciona às pessoas ao colocarem a prova os próprios limites e a busca de fortes sensações.

#### 4 Conclusão

O presente estudo buscou conhecer e analisar os efeitos da prática do rapel por estudantes de um curso de bacharelado em Educação Física do Rio de Janeiro na transformação da percepção do esporte. Desse modo, foi identificado, inicialmente, que a percepção do indivíduo pode ser remodelada após a vivência do rapel e, ainda, que algumas transformações na percepção do esporte podem ser percebidas a partir de uma única vivência.

Ao considerar o pressuposto de que para que o estudante de educação física queira atuar com esportes de aventura é preciso vivenciar a sua prática, foi possível perceber, que alguns acadêmicos, ao experimentarem o medo já tomaram a decisão de não fazer parte do grupo que pratica e/ou atua na área. Por outro lado, grande parte dos bacharelados que participaram demonstrou interesse em retornar ao rapel, essa evidência pode ser um dos primeiros indícios de que é possível que alguns dos que experimentaram o esporte como vivência positiva, venham a atuar na área.

Esse estudo não objetivou esgotar o tema, nem mesmo explorar o máximo de possibilidades que se apresentam dentro do campo dos esportes de aventura. Desse modo, é indispensável a produção de novas evidências que permitam a composição de bases científicas para conhecer como a Educação Física está explorando os esportes de aventura.



## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

CAILLOIS, R. **Os jogos e os homens**. Petrópolis, Editora Vozes, 2017.

LAVOURA, T. N.; SCHWARTZ, G. M.; MACHADO, A. A. Aspectos emocionais da prática de atividades de aventura na natureza: a (re)educação dos sentidos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 119-127, 2008.

MARINHO, A. Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos. In BERNADES, Luciano Andrade. **Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos**. São Paulo: Phorte, 2013.

NUÑEZ, T. **100 perguntas e resposta sobre o Rappel**. Lisboa: Desporto e Lazer. 2005.

PAIXÃO, J. A.; GEIDEL, A. R. Percepção de instrutores com relação aos procedimentos necessários à condução de modalidades de esporte de aventura. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, vol. 26, n. 2, p.82-91, 2018.

PAIXÃO, J. A.; SILVA, M. P. O risco na concepção de instrutores de esporte de aventura. **Psicologia & Sociedade**, vol. 29, p. 1-10, 2017.

PAIXÃO, J. A. **Esporte de aventura: processo instrucional e situações de risco**. **Movimento e Percepção**, vol. 11, n. 17, p. 90-107, 2010.

PEREIRA, D. W. Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos. In BERNADES, L. A. **Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos**. São Paulo: Phorte, 2013.

SEVERINO, A. J. M. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SPINK, M. J. P.; ARAGAKI, S. S.; ALVES, M. P.; Introdução: Da Exacerbação dos Sentidos no Encontro com a Natureza: Contrastando Esportes Radicais e Turismo de Aventura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 18, n. 1, p.26-38, 2005.

SPINK, M. J. P.; CAÑAS, A.; SOUZA, D. T.; Onde está o risco? Os seguros no contexto do turismo de aventura. **Psicologia & Sociedade**, vol. 16, n. 2, p. 81-89, 2004.

TRIANI, F. A escalada indoor como possibilidade pedagógica para a prática do esporte de aventura na escola. **Revista de Educação Física**, vol. 87, n. 4, p. 637-639, 2018.

TRIANI, F. S.; SAMPAIO, B. H. R.; CASTRO, L. M.; PAIXÃO, J. A. Esportes de aventura praticados na Barra da Tijuca e São Conrado, RJ: um levantamento das modalidades e formação do instrutor. **Motrivência**, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-15, abr. 2020.

TRIANI, F. S.; SILVA, F. T.; PAIXÃO, J. A. Escalada indoor como possibilidade de conteúdo para a educação física escolar. **Conexões**, v. 17, p. 1-17, 2019.



TRIANI, F. S.; TELLES, S. C. C. Representações sociais sobre os esportes de aventura na educação física. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v.10, n.30, p. 293, 314, 2019.

**Como citar este artigo**

TRIANI, F. S.; SILVA, L. R.; SILVA, A. J.. O efeito da prática do rapel por estudantes de Educação Física na transformação da percepção do esporte. **Revista Kinesis**, Santa Maria, v.38, p.01-12, 2020.

\* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

